



MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA ACERCA DO USO DE MEDICALIZAÇÃO

Luci Mara Bertoni

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: profaluci@uesb.edu.br

Angélica Barroso de Oliveira Rosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: angelborosa@gmail.com

Luana Vieira de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: luana_dap@hotmail.com

1801

O uso abusivo da medicação tem sido um traço significativo da cultura ocidental, para o qual o pressuposto é evitar, de toda forma, qualquer tipo de mal-estar ou sofrimento. Dantas (2009) afirma que o uso excessivo de medicamentos se constitui em uma das possibilidades mais eficazes e rápidas para conseguirmos o objetivo de eliminar qualquer tipo de dor emocional ou física que, no cotidiano, pode ser causada por fatores diversos. Ao pensarmos em investigar como o uso e o abuso de substâncias psicoativas podem influenciar na saúde mental, escolhemos um grupo de estudantes de Psicologia matriculados no 10º semestre do curso, com o objetivo de identificar e analisar as memórias e as representações sociais da medicalização, com possibilidade de verificarmos o discurso técnico sobre a vida nas falas desse grupo. Para Aguiar (2004), o discurso da medicalização muitas vezes se mostra verdadeiro, por expressar uma narrativa acerca de comportamentos e sentimentos que causam transformações no grupo social. Dessa forma, a pílula pode ser utilizada como solução para toda e qualquer desorganização ou inadequação física ou psíquica ou, nas palavras de Birman (2001, p. 185), “não se pretende mais a cura, no sentido clássico da Medicina clínica, mas apenas a regulação do mal-estar”.

No Brasil, o ideário da medicalização lança suas raízes, de acordo com Costa (1989), quando a Medicina e o Estado firmam o compromisso de higienizar as cidades e as populações, prerrogativa, à época, para que “a ordem e o progresso” de uma sociedade acontecessem. Com isso, a Medicina ampliou os espaços de atuação, gerando o fenômeno denominado “medicalização da sociedade”, e trouxe progressos tecnológicos, como a produção de equipamentos e testes para fazer diagnósticos de doenças, cuja principal consequência foi a transformação de muitas pessoas em

Realização:



Apoio:





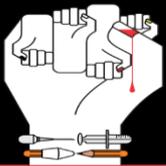
pacientes potenciais. O autor chama à atenção para uma possível “epidemia” de diagnósticos, que poderia produzir uma “epidemia” de tratamentos, muitas vezes prejudiciais à saúde, principalmente os diagnósticos “desnecessários”. O uso proposital da palavra epidemia tem o objetivo de apontar para seu real sentido¹. Esse discurso é extremamente valioso para a indústria farmacêutica, que, manipulando concepções errôneas sobre estar doente e ser doente, facilmente as dissemina para o senso comum, induzindo, continuamente, à concepção ilusória de alívio de muitos problemas por meio de medicações. Para Meira (2012), o perigo da medicalização cotidiana é transformar sensações consideradas normais (como ansiedade e tristeza) em sintomas de doenças (como transtorno de ansiedade e depressão), provocando diagnósticos de forma desordenada. Freud (1996), no texto **O mal-estar na civilização**, analisa a possibilidade de uma nova relação entre a humanidade, a civilização e o imperativo do gozo, que faz com que os sujeitos procurem a droga como um “amortecedor de preocupações”. O autor avalia que a civilização promove inúmeros desconfortos para o sujeito, tais como tristeza, ansiedade, medo.

Podemos problematizar o uso abusivo da medicalização como uma representação, tanto para indivíduos, quanto para grupos e, para compreendermos as inquietações de um grupo, buscamos a construção do pensamento social, o qual não opera de maneira isolada, mas organizada por elementos grupais, com valores e ideologias, por isso a memória se faz adequada como objeto de estudo,

[...] não só para ser capaz de determinar a atividade de organismos vivos e de máquinas, mas também da sociedade, da história, da cultura, da arte, da política e da literatura, ou seja, uma memória psicossocial. (SÁ, 2015, p. 263).

A aproximação entre a Teoria da Memória Coletiva e a Teoria das Representações Sociais acontece porque ambas compartilham a ideia da interação social, isto é, as práticas sociais são recriadas e repassadas e o passado continuamente é acessado pelo estabelecimento de relações sociais. A aproximação das duas teorias contribui significativamente no estudo metodológico da pesquisa (ALBA, 2014). Para falar sobre essa questão, recorreremos a Jodelet (2002, p. 22), para quem as “representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”, e a Moscovici (1978), para quem a Teoria das

¹ “Enfermidade temporária que ataca muitas pessoas ao mesmo tempo em certa localidade”. (HOUAISS, 2001).



Representações Sociais, por ser fluida, permite desenvolver a criatividade dos pesquisadores, já que o interesse maior está na descoberta, e não na comprovação. Dessa forma foi construído o objetivo principal da pesquisa: analisar a memória e as representações sociais de estudantes de Psicologia acerca da medicalização, com o intuito de saber se a medicalização se fez presente, em algum momento, durante o processo de aprendizagem no curso de Psicologia. E, como objetivos específicos: a) conceituar representações sociais e memória coletiva; b) descrever a trajetória histórica da medicalização; c) identificar as memórias e as representações sociais dos estudantes de Psicologia acerca da medicalização. A pesquisa é de caráter qualitativo, tipo de estudo escolhido por proporcionar o melhor manuseio das informações de caráter subjetivo, como percepções e compreensões de determinado assunto (GIL, 2008). O local da pesquisa foi uma faculdade pública localizada no interior da Bahia. Selecionamos um grupo de vinte alunos de Psicologia do décimo semestre. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico; um questionário semiestruturado aplicado de maneira coletiva em sala e a Técnica da Associação Livre de Palavras (TALP), que proporcionou a análise inicial das memórias e das representações sociais desses estudantes. Para análise das palavras evocadas pelos estudantes de Psicologia, utilizamos o *software* EVOc, encontrando o possível núcleo central das representações sociais com as palavras **doença, alívio, dor e remédio**. Sobre as respostas às perguntas abertas, 19 estudantes disseram concordar com a medicalização atrelada à prática da Psicologia. As representações sociais e a memória dos estudantes de Psicologia, apesar de terem passado pela formação generalista dentro de um curso que ensina inúmeras abordagens para acessar a cura pela fala, apresentam na sua evocação a construção de que, para toda dor, existe um remédio e que, para toda doença, existe um alívio. Percebemos, dessa forma, que o discurso hegemônico persiste na sociedade, pois, como analisa Serge Moscovici (1925-2014), não é tão simples modificar uma representação social. Analisar como os estudantes pensam e lidam com a medicalização possibilita repensar a formação em Psicologia e o modo como se pode contribuir para formação de futuros profissionais. Compreendemos que a contribuição da pesquisa, além de um processo cumulativo de aprendizado e saberes, está em proporcionar a ampliação de conhecimentos na temática da medicalização, juntamente com os pressupostos teóricos da memória e das representações sociais, ao analisar o pensamento de um grupo de estudantes de Psicologia. Entendemos que a relevância desse estudo está por entendermos que quanto mais conhecimentos temos sobre o



mundo em que vivemos, mais oportunidades alcançamos para contribuir com a coletividade. Pensando na relevância social, essa pesquisa colabora para ampliação do conhecimento para que a formação em Psicologia seja repensada, favorecendo os novos profissionais e a atuação do psicólogo.

PALAVRAS-CHAVE: Medicalização. Memória Coletiva. Psicologia. Representações Sociais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriano Amaral de. **A psiquiatria no divã: entre as ciências de vida e a medicalização da existência.** Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2004.

ALBA, Martha de. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. *In:* ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo. (Orgs.). **Teoria das representações sociais: 50 anos.** 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** 3. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1989.

DANTAS, Jurema Barros. Tecnificação da vida: uma discussão sobre o discurso da medicalização da sociedade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n.3, Set/Dez 2009. p.563-80.

FREUD, Sigmund. Sobre a Psicoterapia. (1905 [1904]). *In:* FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria.** Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 239-51.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In:* JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**, v. 17, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Para uma crítica da medicalização na educação. **Psicologia Escolar e Educacional** [em linea] 16 (Enero-Junio). 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282323570014>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SÁ, Celso Pereira de. Entre a história e a memória: o estudo psicossocial das memórias históricas. **Cadernos de Pesquisa**, v.45 n.156 p.260-74 abr./jun. 2015.